



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VIII - PROFESSORA MARIA DA PENHA
CENTRO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E SAÚDE- CCTS.
CURSO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

JACKSUELLMA MARTINS DE LIMA

**PERCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE DOS ALUNOS DO NONO ANO
DA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR RUY CARNEIRO DE
CACIMBA DE DENTRO - PB**

ARARUNA – PB
2017

JACKSUELLMA MARTINS DE LIMA

**PERCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE DOS ALUNOS DO NONO ANO
DA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR RUY CARNEIRO DE
CACIMBA DE DENTRO - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Campus VIII – Professora Maria da Penha, Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde – CCTS, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação na Licenciatura em Ciências da Natureza.

Orientadora: Dra. Alessandra Gomes Brandão

ARARUNA - PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732p Lima, Jacksuellma Martins de
Percepção de meio ambiente dos alunos do nono ano da
Escola Municipal Senador Ruy Carneiro de Cacimba De Dentro -
PB [manuscrito] / Jacksuellma Martins De Lima. - 2017.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em CIÊNCIAS
DA NATUREZA) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Tecnologia e Saúde, 2017.

*Orientação: Profª. Drª. Alessandra Gomes Brandão,
Departamento de Ciência da Natureza*.

1. Educação Conservadora. 2. Educação Crítica.3.
Percepção de Estudantes I. Título.

21. ed. CDD 360

JACKSUELLMA MARTINS DE LIMA

**PERCEÇÃO DE MEIO AMBIENTE DOS ALUNOS DO NONO ANO
DA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR RUY CARNEIRO**

Aprovado em: 16/08/2017.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Alessandra Gomes Brandão (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Thiago da Silva Santos

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Gda. Aline de Lima Faustino

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus em primeiro plano por Ele sempre me mostrar o melhor caminho da vida a trilhar. À minha família, por estar sempre presente quando eu precisei. Sem eles não seria possível, e finalmente aos meus amigos e colegas de curso por não me deixar desistir.

AGRADECIMENTOS

Como de costume, mas não pelo costume, agradeço primeiro a DEUS, pois todas as vezes que me peguei pensando negativamente que não conseguiria, entreguei nas mãos Dele, e fui conduzida ao sucesso. E como diz a letra de uma música de Padre Fábio: “Toda Honra e toda glória, é Dele a vitória alcançada em minha vida...”

À minha MÃE, que não descansou na torcida, e que certamente orou dias e noites para que Deus estivesse sempre comigo. Ao meu PAI, que nunca pensou duas vezes ao investir no meu futuro, e é a ele que devo esta formação.

Ao meu noivo, Emanuel Ricardo, de quem eu mais cobrei apoio e atenção, mas que sei que estas foram coisas que jamais me faltaram. E porque é ele que divide comigo os planos e sonhos para o futuro.

À amiga e afilhada mais presente de todas, Rosana Gomes. Porque ela é “a minha pessoa”, é a quem eu posso recorrer a qualquer hora do dia e em qualquer momento. Nós compartilhamos o mesmo sonho e foi através deste que nos conhecemos. Meu agradecimento por ter sido sempre um anjo em minha vida.

Às minhas não menos importantes amigas: Cidinha, Silvania, Josélia, Leidiane e Kalígia por dividirem comigo um mesmo sonho, pela amizade, união, força e pelos momentos maravilhosos que me proporcionaram

A todos os professores deixo aqui meus agradecimentos, pela forma profissional como conduziram minha formação acadêmica e ainda a todos os funcionários que fazem parte dessa instituição acadêmica (Campus VIII – Araruna-PB).

À minha orientadora, Profa. Dra. Alessandra Gomes Brandão, esse anjo de luz, pelo companheiro de Caminhada ao longo do Curso de Ciências da Natureza. Posso dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua pessoa.

Ao grupo Sagrado Feminino, nele pude retirar minhas angústias internas, no qual me deu forças para seguir adiante.

A todos aqueles que se fizeram presente e jamais deixaram de acreditar na minha vitória

Muito Obrigada!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	EDUCAÇÃO AMBIENTAL: TRAJETORIA E PERSPECTIVA	9
3	E A CONSERVADORA E A EA CRÍTICA	12
3.1	Educação Ambiental Conservadora	13
3.2	Educação Ambiental Crítica.....	13
4	DESCRIÇÃO ESCOLA E TURMA	15
5	ASPECTOS METODOLÓGICOS	15
6	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	16
1.1	A Problemática Ambiental na visão dos estudantes.....	16
6.1.1	<i>Princípio 1: Baseia-se numa visão fragmentada da problemática ambiental</i>	17
6.1.2	<i>Princípio 5: Uma abordagem despolitizada da temática ambiental;</i>	18
6.1.3	<i>Princípio 8: Ressalta mais os problemas relacionados ao consumo do que a produção</i>	18
1.2	Qual “a causa” da problemática ambiental na visão dos estudantes	19
6.2.1	<i>Princípio 4: Uma leitura individualista e comportamentalista</i>	19
6.2.2	<i>Princípio 9. Uma separação dos problemas naturais dos sociais</i>	20
6.2.3	<i>Princípio 10. Atribuição dos problemas ao homem, um ser genérico, sem contextualizá-lo politicamente e economicamente</i>	20
1.3	Qual “a solução” para problemática ambiental na visão dos estudantes	21
6.3.1	<i>Princípio 2: Uma compreensão naturalista e conservacionista da crise ambiental</i>	21
6.3.2	<i>Princípio 7: Uma ausente ou limitada perspectiva crítica</i>	22
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	ABSTRACT	23
	REFERÊNCIAS	24

PERCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE DOS ALUNOS DO NONO ANO DA ESCOLA MUNICIPAL SENADOR RUY CARNEIRO DE CACIMBA DE DENTRO – PB.

LIMA, Jacksuellma Martins De [jacksuelma@hotmail.com]¹

BRANDÃO, Alessandra Gomes[alessandra.gomes.brandao@gmail.com]²

RESUMO

Nas últimas décadas, a temática ambiental vem sendo amplamente discutida pela sociedade, por ser entendida como a instância capaz de formar cidadãos aptos a lidar com a problemática nessa área. Apesar do Brasil ser um dos países com a maior diversidade de experiências em Educação Ambiental, algumas avaliações mostram que a Educação Ambiental majoritariamente praticada não tem sido capaz de enfrentar tamanho problema. A partir da década de 1990, no entanto, autores têm discutido a existência de uma Educação Ambiental Conservadora e Educação Ambiental Crítica, em que a primeira, amplamente praticada, vem sendo incapaz de formar cidadãos capazes de enfrentar os desafios ambientais. O presente artigo, ao tempo que discute o entendimento sobre essas duas vertentes, analisa, também, a percepção de Meio Ambiente de alunos no nono ano da Escola Municipal Senador Ruy Carneiro, no interior da Paraíba. Para isso, solicitamos aos alunos, a produção de um texto (carta) dirigida a alguém que não conhece essa temática, sendo necessário, portanto, tratar de pelos menos três aspectos dessa questão: (1) o que é o problema; (2) a causa; (3) possíveis soluções. A partir desse material, e com apoio nos princípios da Educação Ambiental Conservadora e Crítica, proposta por Lima (2009), analisar a percepção de Meio Ambiente dos alunos estudados. Os resultados encontrados em nossa pesquisa, a partir dos posicionamentos dos estudantes demonstram que a percepção dos alunos são compatíveis com a visão conservadora descrita pelos autores trabalhados, o que nos permite inferir que os mesmos têm recebido uma Educação Ambiental Conservadora.

Palavras-Chave: Educação Conservadora. Educação Crítica. Percepção de Estudantes.

1 INTRODUÇÃO

A discussão da temática ambiental entra na agenda política mundial no final do século XX, segundo Brandão (2007), a partir de pressões internacionais, como protestos de ambientalistas e aumento do preço do petróleo. Isso inaugura um novo formato de políticas, que passa a ser pensando por meio das conferências ambientais mundiais.

Em 1972, a primeira Conferência sobre Meio Ambiente, na cidade de Estocolmo, na Suécia (Brandão, Sousa, Fernandes, 2009), para tratar de assuntos ambientais, causando um alerta mundial ao “denunciar” que o planeta não estava suportando o tipo de relação

¹ Estudante de Ciências da Natureza da Universidade Estadual da Paraíba

² Professora de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Estadual da Paraíba

homem/natureza. Um dos principais marco dessa reunião é o lançamento da ideia de uma Educação, desta vez, Ambiental, que fosse capaz de formar cidadãos em condições de enfrentar a tão temida crise.

Segundo Prudente (2013), o desafio da Educação Ambiental, portanto, é tornar-se transversal e prática. Para este autor:

A Educação Ambiental visa formar, esclarecer, sensibilizar e, principalmente, transformar a população, com a finalidade de combater problemas ambientais, desde os meramente domésticos, até mudanças de atitude e interferências em políticas públicas na área (PRUDENTE, 2013, p. 24).

Dessa maneira a Educação Ambiental deve estimular a reflexão e a ação da realidade a partir de sua consciência.

Na década de 1970/1980, época de implantação do debate ambiental no Brasil, além de contar com um cenário de ditadura militar, o debate ambiental não contava com as discussões teóricas das Ciências Sociais, tendo como base de discussão as linhas teóricas das ciências sociais (Lima, 2009). A proposta deste trabalho é, ao discutir a Educação Ambiental Conservadora (EA-Con) e Educação Ambiental Crítica (EA-Cri), analisar a percepção dos alunos do nono ano da Escola Senador Ruy Carneiro, por meio da análise de sua percepção (GARNICA, 2009), que tem como base de análise uma produção textual sobre a temática

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: TRAJETORIA E PESPECTIVA

Várias transformações sempre estiveram presentes na história da humanidade. Uma dessas importantes transformações aconteceu com a revolução industrial. À medida que houve um aumento e um aprimoramento do modelo de desenvolvimento econômico, houve também um aumento da interferência no meio natural. Segundo Almino (2003) esse teria sido o marco da degradação ambiental do mundo.

Dentro deste cenário, a partir da constatação, cada vez mais crescente, em relação finitude dos recursos naturais, é realizada em 1972, a primeira Conferência sobre Meio Ambiente, na cidade de Estocolmo, na Suécia (BRANDÃO, SOUSA, FERNANDES, 2009). A Conferência, organizada pela Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), foi

articulada para tratar de assuntos ambientais, causando um alerta mundial ao “denunciar” que o planeta não estava suportando o tipo de relação homem/natureza.

Um dos principais marco dessa reunião é o lançamento da ideia de uma Educação, desta vez, Ambiental, que fosse capaz de formar cidadãos em condições de enfrentar a tão temida crise. A partir de então, além das conferências de Meio Ambiente, a Educação passa a receber reuniões internacionais específicas. Contudo, alguns autores afirmam que a Educação Ambiental nasce ainda na década de 1960 com os movimentos de contracultura, como afirma Souza (2007) dizendo que:

A EA surge de modo efetivo na década dos anos 60, com os movimentos de contestação dos ecologistas, das feministas, dos estudantes, dos *hippies* e dos ambientalistas. Por meio dos movimentos ecologistas, pessoas diretamente ligadas às questões ambientais começaram a denunciar o modelo e o desperdício dos recursos naturais da Terra, contribuindo, assim, para a rápida destruição desses recursos e a degradação ambiental das cidades e até das áreas rurais (SOUZA, 2007, p. 44).

No entanto, segundo Layrargues e Lima (2011), é possível dizer que a Educação Ambiental surgiu no contexto de emergência de uma crise ambiental reconhecida nas décadas finais do século XX e estruturou-se como fruto de uma demanda para que o ser humano adotasse uma visão de mundo e uma prática social capazes de minimizar os impactos ambientais então prevaletentes.

A expressão “Educação Ambiental” surge para qualificar ações de escolas, universidades e instituições buscando conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais (BRASIL, 1997, p. 181). Esse documento atesta, contudo, que essas ações não podem estar restritas a discursos naturalistas de preservação da natureza devem abranger aspectos sociais, políticos e econômicos. A EA precisa promover caminhos pelos quais o ser humano construa um pensamento crítico e reflexivo das questões ambientais e a escola é um dos lugares para a disseminação desse pensamento.

Segundo Prudente (2013), o desafio da Educação Ambiental, portanto, é tornar-se transversal e prática. Para este autor, “a Educação Ambiental visa formar, esclarecer, sensibilizar e, principalmente, transformar a população, com a finalidade de combater problemas ambientais, desde os meramente domésticos, até mudanças de atitude e interferências em políticas públicas na área” (PRUDENTE, 2013, p. 24).

Dessa maneira a Educação Ambiental deve estimular a reflexão e a ação da realidade a partir de sua consciência. De acordo com Evaristo (2010):

A educação ambiental deve despertar a necessidade da reflexão da e na sociedade, porém as atitudes partem do ser individual que dotado do conhecimento de uma educação não adestradora reconhece a importância de seus atos com o meio ambiente e suas implicações no coletivo (EVARISTO, 2010, p. 22).

Dessa forma, é na educação que o caminho da reflexão e compreensão dos problemas ambientais pode ser discutido, bem como a mudança de atitudes. Assim, a Educação Ambiental pode dar início para a mudança de pensamento, pois sendo formadora de opiniões a educação tem o papel essencial de formar cidadãos críticos (EVARISTO, 2010). Já segundo Souza (2003) ele enfatiza que:

[...] a Educação Ambiental apresenta-se hoje, como um componente fundamental e imprescindível para a formação e construção de uma sociedade humana mais justa e fraterna, que seja capaz de superar a pobreza e a miséria e assim assegurar a sobrevivência humana [...] (SOUZA, 2003, p. 26).

Dessa maneira a Educação Ambiental em parceria com a escola e a sociedade deve propiciar a ação individual e coletiva na busca por soluções dos problemas socioambientais. Para Souza (2007), “a inserção da EA ao currículo escolar no ensino fundamental instiga comportamentos e valores nas atitudes que devem ser (re) construídas” (SOUZA, 2007, p. 92).

Dessa forma deve-se realizar a Educação Ambiental de forma coesa na escola e que ela possa decorrer para a sociedade, assim a postura de cada um com o meio em que está inserido contribuirá para uma reconstrução de valores e atitudes. Não se pode pensar em uma Educação Ambiental voltada apenas para a orientação comportamental apostando em um sujeito racional (CARVALHO, 2006, p. 183).

A Educação Ambiental deve ter um caráter transformador propondo a emancipação e aprendizagem orientada para a criatividade e pela busca da liberdade individuais e coletivas para a transformação, uma vez que o processo educativo tem ato político e pode se consolidar como prática social tendo a capacidade de construir sujeitos políticos capazes de interagir reflexiva e criticamente na sociedade (GONZAGA, 2008, p. 4). Confirma-se, portanto, que a

escola no papel do professor tem a importância de elencar como a Educação Ambiental pode contribuir para as mudanças frente os problemas ambientais, Sato (2002) destaca que

Cabe aos professores por intermédio de práticas interdisciplinares, proporem novas metodologias que proporcionem a implementação da EA sempre considerando o ambiente imediato, relacionando a exemplos de problemas ambientais atualizados. Nesse contexto o professor é o fator chave para mediar o processo de aprendizagem (SATO, 2002, p. 25).

Sendo assim, o professor como mediador de conhecimento e formador de práticas educativas para a Educação Ambiental não pode reduzir o conhecimento e as práticas dos alunos a apenas a preservação, conservação e conscientização ecológica da natureza e das questões ambientais que as envolve. Caso isso não ocorra o educador cometerá imponderação na educação transmitindo, apenas conteúdo sem reflexão.

3 E A CONSERVADORA E A EA CRÍTICA

Na década de 1970/1980, o debate ambiental não contava com as discussões teóricas das Ciências Sociais. A partir de 1990, com a entrada desse debate passou-se a analisar as diversas correntes ideológicas e pedagógicas que estão presentes na Educação Ambiental. Segundo Muniz (2016), “nas últimas décadas têm crescido o número de autores que oferecem análises sobre a Educação Ambiental que vem sendo praticada, especialmente no Brasil” (MUNIZ e BRANDÃO, 2016, p. 14). Segundo esses autores, esses estudos apresentam diversas orientações político-pedagógicas distintas como Naturalista, Conservadora, Pragmática, ao ar livre, libertadora, reflexiva. Contudo, pela semelhança que muitas dessas orientações apresentam entre si, esses autores começaram a trabalhar com duas grandes visões antagônicas: Educação Ambiental Conservadora e uma Educação Ambiental Crítica.

Quando um discurso sobre a Educação Ambiental está diretamente ligado apenas a princípios ecológicos, onde busca incansavelmente por mudanças comportamentais, este se enquadrada a uma Educação Ambiental Conservadora.

A Educação Ambiental que se baseia em ideias voltadas para o social e o coletivo, onde busca uma redefinição da relação homem-natureza, rompendo a ordem política, cultural e econômica, que é imposta a partir de critérios político-econômicos, trata-se, em linhas gerais, da Educação Ambiental Crítica.

3.1 Educação Ambiental Conservadora

Para diversos autores, entre eles Guimarães (2007) a Educação Ambiental Conservadora tende a reproduzir ideologias e valores do sistema que estamos inseridos:

Esta Educação ambiental tradicional, não pode e/ou não quer perceber as redes de poder que estruturam as relações de dominação presentes na sociedade atual, tanto entre pessoas (relações de gênero, de minorias étnicas e culturais), entre classes sociais, quanto na relação norte-sul entre nações, assim como também entre relações de dominação que se construíram historicamente entre sociedade de natureza. São nessas relações de poder e dominação que podemos encontrar um dos pilares da crise ambiental dos dias de hoje”. (GUIMARÃES, 2007 p.35)

Ou seja, ao se tratar da Educação Ambiental Conservadora, para Guimarães (2007) não é possível, a partir dessa vertente, promover as mudanças necessárias para solucionar a atual crise socioambiental.

Para Lima (2009), este tipo de educação visa apenas proteger o mundo natural, onde evidenciam os problemas ambientais mais aparentes, porém, despreza as causas mais intensas.

O que se convencionou chamar de educação conservacionista no contexto de constituição da Educação Ambiental brasileira faz referência a um conjunto de características epistemológicas, pedagógicas, políticas e éticas, expressas nos discursos e nas práticas educativas realizadas pelos atores envolvidos nesse campo social e que foram objeto de crítica por parte dos educadores e pesquisadores envolvidos nesse debate. (LIMA, 2009, p.152)

Nesse contexto a Educação Ambiental Conservadora está pautada na preservação de recursos naturais, esquecendo-se do homem que sofre com diversas consequências. Esta EA Conservadora, segundo Layargues e Lima (2011) apresentam uma tendência mais individualista e comportamentalista.

Até mesmo os projetos de Educação Ambiental, que são propostos em perspectivas de mudanças comportamentais e de atitudes, se caracterizam também como sendo conservador.

3.2 Educação Ambiental Crítica

Segundo Muniz (2016), depois de décadas de análises sobre a Educação Ambiental praticada, diversos autores começam a defender a ideia de uma Educação Ambiental-Crítica.

Através dessa visão crítica é possível estabelecer visões diferenciadas, com questionamentos pertinentes a um novo olhar sobre o meio ambiente.

A Educação Ambiental Crítica está pautada num entendimento mais amplo do exercício da participação social e da cidadania, como prática indispensável à democracia e à emancipação socioambiental. Segundo Loureiro (2004) é necessário defender a necessidade de pensarmos e realizarmos uma Educação Ambiental crítica e emancipatória, voltada para a democratização no acesso e apropriação dos bens naturais, para a gestão participativa e o exercício da cidadania, capaz de levar os sujeitos a se recolocarem no ambiente e a se ressignificarem enquanto natureza, resgatar o conceito de práxis associado à educação.

Para Loureiro (2004), a educação crítica e a democracia refletem uma explicitação de conflitos:

Não há democracia nem educação para a cidadania sem a explicitação de conflitos. A aceitação de que a sociedade além de plural é permeada por visões de mundo, interesses e necessidades distintas e estruturalmente antagônicas está implícita em processos efetivamente democráticos, nos quais se incluem as oposições, tensões e contradições entre direitos e deveres, indivíduo e coletividade, público e privado, liberdade e igualdade. (LOUREIRO, 2004, p.8)

Nesse sentido, a Educação Ambiental Crítica tem como principal função tratar de teoria e prática, de modo que sejam formados cidadãos participativos, estabelecendo meios de integração na possibilidade de formar cidadãos autônomos e capazes de agir para uma verdadeira transformação no ambiente em que estão inseridos (LIMA, 2009).

A seguir, apresentamos a Tabela 01, adaptada de Lima (2009), contendo os princípios da Educação Ambiental Conservadora e Educação Ambiental Crítica, que servirá como base de análise dos posicionamentos encontrados nas cartas dos alunos estudados.

Tabela 1 – Princípios da Educação Ambiental Conservadora e Crítica.

Princípios da Educação Ambiental Conservadora e Crítica	
EA CONSERVADORA	EA CRÍTICA
1. Baseia-se numa visão fragmentada da problemática ambiental;	1. Uma visão complexa e multidimensional da questão ambiental
2. Uma compreensão naturalista e	2. Uma defesa do amplo desenvolvimento e

conservacionista da crise ambiental;	possibilidades das formas humanas e não humanas;
3. Uma tendência a valorizar as soluções tecnológicas para o problema;	3. Uma atitude crítica ante a crise civilizatória;
4. Uma leitura individualista e comportamentalista;	4. Uma politização e publicização dos problemas ambientais;
5. Uma abordagem despolitizada da temática ambiental;	5. Sem negar os argumentos técnico-científico, subordiná-los subordiná-los a uma orientação ética do conhecimento, meios e fins;
6. Uma baixa incorporação de princípios e práticas interdisciplinares;	6. Um entendimento da democracia para como pré-requisito fundamental para a construção de uma sustentabilidade plural;
7. Uma ausente ou limitada perspectiva crítica;	7. Considera o tipo de organização das sociedades modernas na forma de produzir e consumir como causadora do problema;
8. Ressalta mais os problemas relacionados ao consumo do que a produção;	8. Cuidado em estimular o diálogo entre as ciências e as múltiplas dimensões da realidade, tratando para não separar as questões sociais das naturais;
9. Uma separação dos problemas naturais dos sociais;	9. Busca a transformação e emancipação da sociedade;
10. Atribuição dos problemas ao homem, um ser genérico, sem contextualizá-lo politicamente e economicamente;	10. Uma vocação transformadora dos valores e práticas contrárias ao bem estar público.

Fonte: Adaptada de Lima (2009)

4 DESCRIÇÃO ESCOLA E TURMA

A escola na qual o estudo foi feito, foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Ruy Carneiro, está localizada no Sítio Barreiros - Cacimba de Dentro/PB. A mesma contém cerca de 150 alunos e uma turma de cada série, a partir do 2º ano até o 9º ano. A turma escolhida para a análise foi o 9º ano, fundamental II, turno tarde. Foi analisado 100% da turma para o estudo. São discentes de 13 a 15 anos de idade. Não há repetentes na turma. Os mesmos nunca estudaram na zona urbana.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é uma análise qualitativa, que se ocupa de avaliar a percepção de meio ambiente dos alunos do nono ano da Escola Municipal Senador Ruy Carneiro, tendo como segunda intenção identificar o tipo de “Educação Ambiental” que recebem. Os alunos em questão representam 100% dos estudantes dessa série na referida escola. Garnica (2009) foi tomado como referência para o conceito de percepção, que afirma ser a “percepção”, os juízos, as experiências prévias, que nos fazem sentir apto a agir (opinar) sobre determinada realidade. Utilizamos como aporte teórico as características propostas por Lima (2009) sobre a Educação Ambiental Conservadora ou Crítica. Para coleta de dados para a pesquisa, solicitamos aos alunos uma produção textual de uma carta para alguém que morava muito isolado e que, por isso, não sabia sobre as questões do meio ambiente. Diante desse perfil do destinatário, os alunos deveriam levar em consideração três pontos a abordar na referida carta: (1) explicar o que é o problema ambiental; (2) a causa desse problema; (3) E apresentar soluções para o mesmo.

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise da produção textual dos 10 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental permitiu verificar que a maioria (80%) conseguiu tratar dos 03 pontos solicitados para ser abordados na carta. Os demais estudantes (20%) não conseguiram discutir sobre os três pontos. A intenção foi verificar o que é apontado pelos alunos como “o problema”; “a causa” e “a solução” para o mesmo. Na apresentação dos dados, os alunos serão sempre tratados como E1, E2... para identificar Estudante 1, Estudante 2, etc. Para analisar sua aproximação com uma compreensão Conservadora ou Crítica dessa problemática, usaremos os princípios da Educação Ambiental Conservadora (EA-Con) e Educação Ambiental Crítica (EA-Cri), propostas por Lima (2009). Os dados são apresentados por meio de palavras chaves, levando em consideração o grau de relevância levando em consideração o número de citações.

1.1 A Problemática Ambiental na visão dos estudantes

A Problemática Ambiental foi apresentada pelos estudantes por meio de diversas palavras chaves conhecida dentro deste tema, conforme demonstra a tabela 02:

Tabela 2: Problema Ambiental

Problema Ambiental

Grupo	O que é	%	Princípios da EA
1	Desmatamento Queimadas	100%	Conservadora 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9
2	Esgotos Lixões Doenças	30%	
3	Poluição do ar, florestas e rios Animais marinhos	4%	

Fonte: Autora da Pesquisa

Como demonstra a referida tabela, desmatamento, queimadas, lixões, poluição, entre outros, são compreendidos pelos alunos como “o problema ambiental”. Isto demonstra uma percepção da crise ambiental baseada unicamente nas consequências desta problemática, o que nos dá algumas pistas sobre a percepção dos alunos, assim como da Educação Ambiental que os mesmos estão submetidos. As palavras árvores, desmatamento, queimadas, lixões, poluição foram repetidas 42 vezes nas redações analisadas, demonstrando uma percepção bastante “biologizada” da temática ambiental (RAMOS, 2006).

Ao confrontarmos as cartas dos alunos com a tabela proposta por Lima (2009), pode-se identificar que tais percepções se enquadram em diversos princípios descritos pelo autor, como demonstraremos a seguir. Identificou-se que os mesmos podem ser enquadrados em quase todos os princípios da Educação Ambiental Conservadora, especialmente os 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, que por sua vez são interdependentes, ou seja, complementam uns aos outros, onde destacaremos alguns deles.

6.1.1 Princípio 1: Baseia-se numa visão fragmentada da problemática ambiental

O princípio 1, descrito por Lima (2009), defende como fragmentada as visões que desconsideram que a temática ambiental é multifacetada, ou seja, que integra uma realidade complexa que envolve questões sociais e naturais. Complementando esta mesma ideia, Ramos (2006) defende que antes de lidar com problemas ambientais, historicamente o homem lida com problemas de acesso aos bens naturais. Logo, essas questões intrinsicamente ligadas.

Nas cartas produzidas pelos alunos, essa fragmentação aparece quando E1 afirma que o problema ambiental está no “prazer de alguns seres humanos de destruir algo que nos faz tão bem [planeta]”. Ou ainda como dito pelo E9, que entende que o problema ambiental diz

respeito “A ganância do homem que pratica incansavelmente as queimadas, destruindo pouco a pouco a natureza”.

Apesar de estarem se referindo a participação humana nessa problemática, os mesmos o fazem a partir de uma visão fragmentada, dando ênfase nas consequências e não no porquê do desmatamento, por exemplo, que passa necessariamente pela lógica de produção e consumo da sociedade capitalista. No princípio 1, da Educação Ambiental Crítica, também proposta por Lima (2009), os alunos devem ser estimulados a possuir uma visão complexa e multidimensional da questão ambiental, ou seja, entender os diversos aspectos envolvidos na temática.

6.1.2 Princípio 5: Uma abordagem despolitizada da temática ambiental;

O princípio 5, da EA-Con, da tabela de Lima (2009), trata da abordagem despolitizada, muitas vezes ingênua, que considera a ideia de um homem mau ou bom que destrói ou pode salvar o planeta, sem considerar que tais questões envolvem decisões políticas e mercadológicas, as vezes muito distante do cidadão comum que apenas consome os produtos oferecidos por este mesmo mercado.

Para E1 “A poluição hoje já virou comum em alguns lugares, pois vemos que são poucos os que se importam com a saúde e com sua cidade”. Na frase do aluno em questão, vemos a problemática ser abordada como uma decisão pessoal, maldosa, desprovida de qualquer análise crítica sobre nossa organização como sociedade, dentro de uma lógica de produção.

Um enfrentamento para isto, segundo os princípios da EA-Cri diz respeito a uma “politização e publicização dos problemas ambientais”. Nesse caso significa politizar a Educação Ambiental realizada nas escolas, mostrando as diversas faces do problema.

6.1.3 Princípio 8: Ressalta mais os problemas relacionados ao consumo do que a produção

No princípio 8 (Lima 2009), a EA-Con, critica a ênfase dada mais ao consumo do que a produção. Em outras palavras, o aluno é treinado para criticar um homem consumidor e, portanto, produtor de lixo, sem nenhuma percepção crítica sobre a produção destes resíduos.

Para E8 “A população não tem noção do mau que está causando para o ambiente... devemos retirar o lixo que está causando danos”. Essa visão demonstra a pouca capacidade de

refletir sobre a produção que gera os resíduos sólidos que tanto o incomoda, assim como de questionar se os mesmos são de fato necessários para a sociedade em que vivemos.

Nos princípios da EA-Cri, discutido por Lima (2009), a Educação Ambiental ofertada deve ser capaz de “considerar o tipo de organização das sociedades modernas na forma de produzir e consumir como causadora do problema”. Uma vez entendido isto, devemos aceitar a problemática não como maldade humana, mas como lógica de sociedade.

1.2 Qual “a causa” da problemática ambiental na visão dos estudantes

Neste item, os alunos apresentação suas percepções sobre “as causas”, destacando, mais uma vez, palavras-chaves comuns nessa problemática.

Tabela 3: Causa

Causa			
Grupo	Quem causa?	%	Tabela Lima (2008)
1	Homem	80%	EA Conservadora 1, 4, 5, 7, 8, 10
2	Desmatamento Variação de Temperatura	20%	
3	Automóveis	20%	

Fonte: Autora da Pesquisa

Ao analisar os dados coletados, percebe-se que o homem é colocado no centro de todos os problemas ambientais que o mundo enfrenta atualmente. Responsabilizando-o por uma série de impactos que afetam de maneira drástica o mundo em que vivemos. Ao fazermos uma relação dos posicionamentos dos estudantes, em suas cartas, diagnostica-se que os mesmos tendem a fazer uma ligação com os princípios da Educação Ambiental Conservadora, proposta por Lima (2009), em sua tabela. As características que se enquadram com as respostas dos discentes são: 1, 4, 5, 7, 8, 10, identificando assim que os mesmos se enquadram em quase todos os princípios:

6.2.1 Princípio 4: Uma leitura individualista e comportamentalista

Neste princípio da Educação Ambiental Conservadora trata-se de uma visão simplificadora que culpa o comportamento do indivíduo, sem fazer uma reflexão sobre o porquê da ação que o mesmo está exercendo. Esta leitura individualista e comportamentalista

aparece, por exemplo, quando o E3 cita "o homem não tá se dando conta do mal que está fazendo ao meio ambiente".

Nessa leitura dos estudantes, a causa da problemática deve-se ao comportamento individual de cada membro da sociedade, sem uma visão crítica do funcionamento dessa mesma sociedade, em que os indivíduos nascem inseridos numa lógica pré-estabelecida.

Lima (2009), numa perspectiva crítica Educação Ambiental Crítica (princípio 1), afirma que o indivíduo precisa ter uma visão complexa e multidimensional da questão ambiental.

6.2.2 Princípio 9. Uma separação dos problemas naturais dos sociais

O princípio 9, da Educação Ambiental Conservadora, mostra uma visão que não associa os componentes sociais e naturais, o que mostraria uma percepção socioambiental dessa problemática. Ao contrário, evidencia que a atuação do homem na natureza está desvinculando das prioridades econômicas e sociais desta mesma sociedade.

Nas cartas analisadas, 80% dos estudantes afirmaram que a ação predadora desse homem refere-se a um comportamento e não a uma lógica de produzir das sociedades modernas. O E7 diz que é "Porque as árvores estão sendo queimadas e destruídas pelo homem... cada dia que passa as florestas estão se acabando por causa do desmatamento que os homens estão fazendo". O mesmo deixa claro que a culpa desses problemas é resultado exclusivamente da ação do homem, isolado de uma lógica de produção e consumo.

É necessário perceptibilidade para compreender que há um sistema que envolve de forma direta ou indiretamente as ações que um grupo de pessoas pratica. Ou seja, as pessoas não agem por si só, mas inconscientemente a partir do que o "sistema" determina. Para Lima é necessário em cuidado em estimular o diálogo entre as ciências e as múltiplas dimensões da realidade, tratando para não separar as questões sociais dos naturais.

6.2.3 Princípio 10. Atribuição dos problemas ao homem, um ser genérico, sem contextualizá-lo politicamente e economicamente

Este princípio da EA-Con, Lima (2009), mostra a incapacidade de reconhecer este homem em determinado contexto político e econômico, diluindo essa possível culpa de forma igualitária para toda a humanidade. Ou seja, o estudante não é capaz de ter uma reflexão mais ampla acerca do problema analisado. O mesmo sempre atribui o problema à ação

direta/indireta do homem, sem fazer uma ligação a posição política, social e econômica em que o mesmo está inserido. Para E9 “a culpa de tudo que está acontecendo é do homem através de sua ganância”. O E4 complementa dizendo que “o problema ambiental é causado 99% por pessoas”. Nesse sentido, os estudantes entendem esse “homem” tem um desejo incansável de destruir. No princípio 7 da EA-Cri, Lima considera que a maneira como a sociedade se organiza na sua forma de produzir e consumir a maior causadora do problema.

1.3 Qual “a solução” para problemática ambiental na visão dos estudantes

Neste item, os alunos apresentação suas “soluções”, para esta problemática

Tabela 4: Causa

Solução			
Grupo	Qual a solução	%	Tabela Lima (2008)
1	Não desmatar (plantar) Não jogar lixo nos rios e nas ruas	40%	EA Conservadora 1, 2, 3, 4, 5, 7, 10
2	Políticas públicas Tratamento de Esgoto Reciclar e Reutilizar População Consciente	40%	
3	Fazer a diferença Adotar e preservar o ambiente	20%	EA Crítica 3 e 7

Fonte: Autora da Pesquisa

Diversas estratégias foram destacadas pelos estudantes, em suas cartas, como fundamentais para solucionar problemas ambientais, como apresentado na tabela anterior. Ao comparar com os princípios propostos por Lima (2009), percebe-se que se encaixam nos itens 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 10 da Educação Ambiental Conservadora. Contudo, identificou-se que algumas propostas se encaixam da Educação Ambiental Crítica, nos princípios 1 e 3.

6.3.1 Princípio 2: *Uma compreensão naturalista e conservacionista da crise ambiental*

Neste princípio 2, da Educação Ambiental Conservadora, Lima (2009), mostra uma visão que enxerga a solução pautada unicamente na conservação do natural, dando ênfase a plantas e animais, porém, sem considerar as demandas humanas, assim como próprio sistema que dita as regras.

E5 diz que a solução para o problema ambiental é “Derrubar poucas árvores, reutilizar, plantar...” Apesar de sua opinião fazer todo sentido dentro da problemática ambiental, a mesma está inserida numa visão conservacionista ingênua, uma vez que não há como conservar com a demanda de mercado por insumos para os produtos que são comercializados.

E10 ressalta que a solução para enfrentar a problemática ambiental está no indivíduo resolver “Não jogar lixo nas ruas”. Essa temática foi citada por 40% dos estudantes. O mesmo estudante continua sua defesa ao propor que haja “criações de projetos que conscientizem a população a não jogar lixo no chão...”. O tema do lixo é bastante recorrente entre os alunos, uma vez que a temática é muito abordada nas escolas. Numa perspectiva crítica, Lima (2009), apresenta o princípio 3, que deve incentivar uma atitude crítica diante da crise civilizatória.

6.3.2 Princípio 7: Uma ausente ou limitada perspectiva crítica

No princípio 7, Lima (2009), destaca a ausência ou limitação de uma perspectiva crítica em relação a causa e solução para o problema ambiental. Para E4 “... enfrentar esse problema ambiental só depende nós, todo mundo trabalhando para um país e uma vida melhor...o culpado por tudo isso, somos nós”. Como é possível aferir, há uma visão romantizada do problema, que é causado pelas pessoas, sem analisar o contexto econômico e social. Como está previsto no princípio 7, da EA-Cri, é necessário considerar o tipo de organização das sociedades modernas na forma de produzir e consumir como causadora do problema;

Por outro lado, alguns estudantes esboçam alguma perspectiva crítica ao ressaltar a necessidade de politização do tema, a exemplo de E2: “Creio que uma população consciente juntamente com a vontade política, esse problema teria solução. E diz ainda: “A população necessita de políticas públicas mais eficaz voltado para a melhoria e qualidade de vida”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta o resultado de um estudo sobre a concepção de Meio Ambiente dos alunos do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Ruy Carneiro. O estudo em questão foi analisado dentro dos princípios conservadores ou críticos, proposto por Lima (2009).

A análise da produção textual (cartas) dos estudantes considerou três aspectos: (1) Problemática ambiental; (2) Causa; (3) Solução, em que 80% dos estudantes conseguiram responder a todos eles. Como demonstrado ao longo do artigo, os mesmos apresentaram uma percepção que se aproxima dos princípios da Educação Ambiental Conservadora.

Nesse sentido, o resultado da pesquisa também pode ser um reflexo da Educação Ambiental que os alunos recebem, seja no âmbito escolar ou de forma indireta através dos meios de comunicação. Como apoiam os autores, o que falta à Educação Ambiental conservadora é uma reflexão sobre a sua própria prática.

Diante disso, o enfrentamento do problema requer uma reflexão sobre a formação dos professores que, ao lidarem, com um tema transversal, contraditoriamente recebem uma formação totalmente disciplinar. Essa formação pode ter como base os princípios da EA Crítica, proposta por Lima (2009) “Uma atitude crítica ante a crise civilizatória”; “A transformação e emancipação da sociedade”; “Uma politização e publicização dos problemas ambientais”; “Um entendimento da democracia para como pré-requisito fundamental para a construção de uma sustentabilidade plural”; entre outros.

ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF STUDENTS OF THE NONO YEAR OF THE MUNICIPAL SCHOOL SENADOR RUY CARNEIRO DE CACIMBA DE DENTRO - PB.

ABSTRACT

In the last decades, several authors have discussed the existence of a Conservative Environmental Education and Critical Environmental Education, in which the first one, widely practiced, has been incapable of forming citizens able to face the current environmental challenges. This article, while discussing the understanding of these two aspects, analyzes the perception of the Environment of students in the ninth year of the Senator Ruy Carneiro Municipal School. For this, we ask the students, the production of a text (letter) addressed to someone does not know this subject, so it is necessary, therefore, to deal with at least three aspects: (1) what is the problem; (2) the cause; (3) possible solutions. From this material, and with support in the principles of Conservative and Critical Environmental Education, proposed by Lima (2009), analyze the perception of the Environment of the students studied.

Keywords: Conservative Education 1. Critical Education 2. Student Perception 3.

REFERÊNCIAS

- ALMINO, João. **A filosofia Política do Ecologismo**. In: Contra discurso do Desenvolvimento Sustentável. Belém: UNAMAZ, p. 21-46.2003
- BRANDÃO, A, G. **Divulgação científica: percepções sobre meio ambiente na ciência hoje**, Maceió, 2007, p. 119. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas Instituto de Geografia. Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2007.pdf
- BRANDÃO, Alessandra; SOUSA, Cidoval; FERNANDES, Marcionila. **Natureza em pauta: reflexões sobre a divulgação ambiental na revista Ciência Hoje**. Revista Contemporânea, v.7.nº 01, junho, 2009. P. 1-19
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 5º a 8º série do Ensino Fundamental – Meio Ambiente**, Brasília: MEC-SEF, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília, MEC, 1997.
- CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, p. 183, 2006.
- EVARISTO, J. A. **Um estudo sobre a Educação Ambiental proposta no PCN**. Londrina, p. 22, 2010.
- GARNICA, AVM. **Um ensaio sobre as concepções de professores de Matemática: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2008, p. 495-510. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000300006>. Acesso em: Julho, 2017.
- GONZAGA, B. J. M. **Concepção de educação ambiental presente na prática pedagógica de professores da escola pública de Natal/RN**. Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental. Natal, 2008.
- GUIMARAES, M. **A formação de educadores ambientais**. São Paulo: Papirus, 2007.
- LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. **Mapeando as Macro-Tendências Político-Pedagógicas da Educação Ambiental Contemporânea no Brasil**, VI Encontro —Pesquisa em Educação Ambientall, Ribeirão Preto, 2011
- LIMA, CFG. **Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis**. Educação e Pesquisa, v.35, Nº.1, São Paulo, 2009. p. 145-163.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e resolução de conflitos.** Gestão em Ação, Salvador, v.7, n.1, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/cea/files/2011/12>>. Acesso em: 10/10/2016.

MUNIZ, G. S. BRANDÃO, A. G. **Educação Ambiental: Uma análise dos “falsos dilemas ambientais” nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN’s.** Araruna: UEPB, p. 14. 2016

PRUDENTE, R. S. **Educação Ambiental e Escola de Educação Infantil:** mapeado propostas e perspectivas. (Dissertação elaborada para obtenção do título de Mestre, no curso de Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, no Centro Universitário de Anápolis). Anápolis: Goiás, 2013.

RAMOS, E. C. **A abordagem naturalista na educação: Uma análise dos projetos ambientais de educação ambiental em Curitiba.** Tese de doutorado, Florianópolis - SC. 2006. p.241

SATO, M. **Educação Ambiental.** São Carlos: RIMA. 2002.

SOUZA, F. M. J. **Educação ambiental no ensino fundamental:** metodologias e dificuldades detectadas em escolas do município no interior da Paraíba. João Pessoa, Editora Universitária, 2007.

SOUZA, F. R. **Uma experiência em educação ambiental:** formação de valores socioambientais. Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2003.